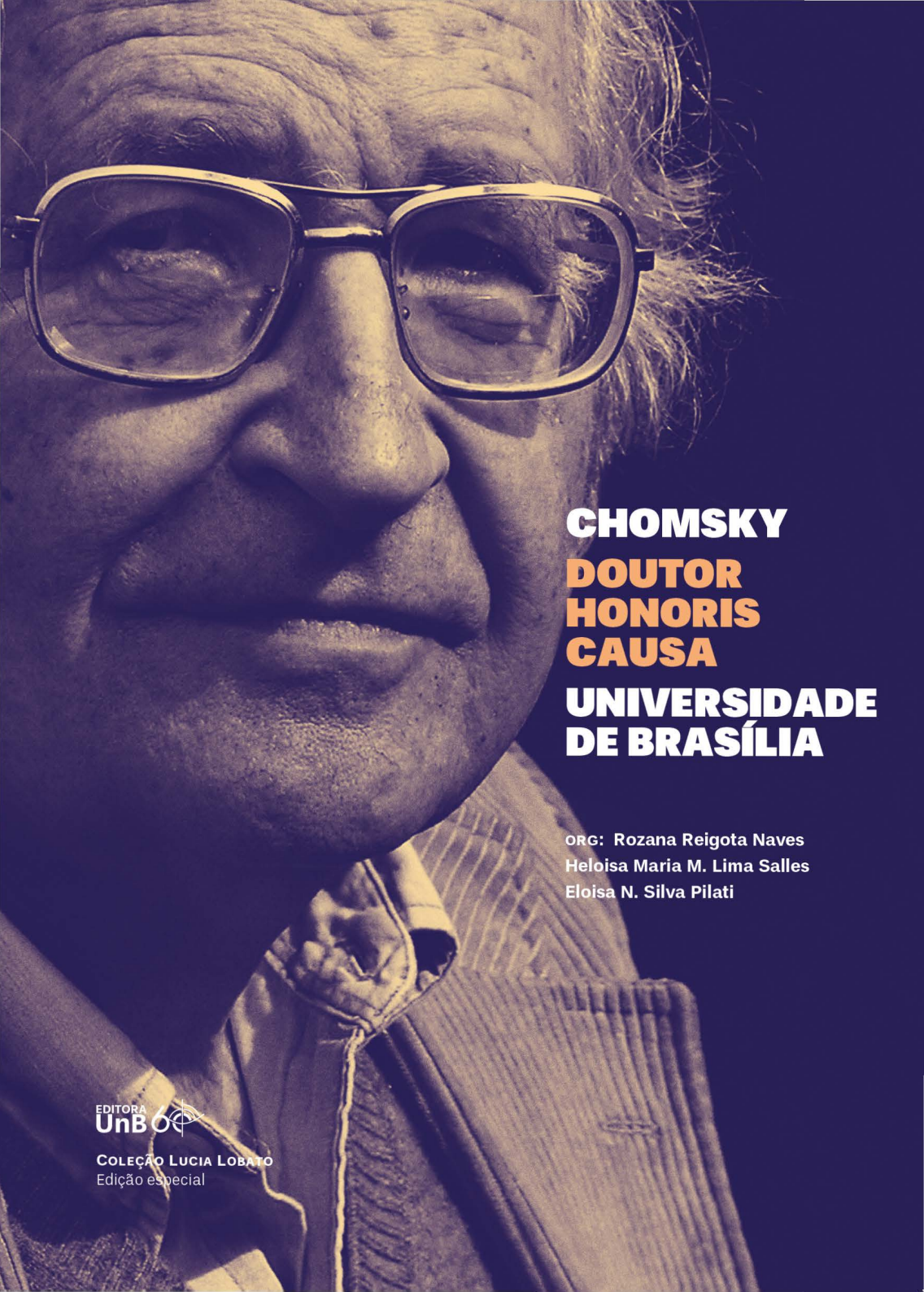

CHOMSKY
DOUTOR HONORIS CAUSA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ORG: Rozana Reigota Naves
Heloisa Maria M. Lima Salles
Eloisa N. Silva Pilati

EDITORA UnB

COLEÇÃO LUCIA LOBATO
Edição especial

Universidade de Brasília

Reitora Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor Enrique Huelva

EDITORA
UnB

Diretora Germana Henriques Pereira

Conselho editorial Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

Chomsky:
Doutor *Honoris Causa*
Universidade de Brasília

Rozana Reigota Naves
Heloisa Maria M. Lima Salles
Eloisa N. Silva Pilati
(organizadoras)

EDITORA UnB 60

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial Marília Carolina de Moraes Florindo
Organização Rozana Reigota Naves
Heloisa Maria M. Lima Salles
Eloisa N. Silva Pilati
Tradução e revisão Bruna Moreira
Design e capa Gabriel Menezes
Foto Duncan Rawlinson (Creative Commons 2.0)
© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A, 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, CEP 70910-900
Brasília, DF. Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

C548 Chomsky : Doutor Honoris Causa Universidade de Brasília / Rozana Reigota Naves, Heloisa Maria M. Lima Salles, Eloisa N. Silva Pilati (organizadoras). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2022.
46 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5846-128-9.

1. Chomsky, Noam, 1928-. 2. Universidade de Brasília - Corpo docente. 3. Linguística. 4. Política. I. Naves, Rozana Reigota (org.). II. Salles, Heloisa Maria M. Lima (org.). III. Pilati, Eloisa N. Silva (org.).

CDU 929

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Sumário

7 **Apresentação**
As Organizadoras

11 **Prefácio**
David Pesetsky

13 **Coragem, ousadia e apreço pelo conhecimento**
Márcia Abrahão Moura

17 **Uma vida dedicada à Linguística e à Política**
Rozana Reigota Naves

21 **Chomsky: um membro da comunidade da Universidade de Brasília**
Heloisa Maria M. Lima Salles

31 **Pronunciamento do Professor Noam Chomsky, Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília**
Noam Chomsky

Apresentação

As Organizadoras
Rozana Reigota Naves
Heloisa Maria M. Lima Salles
Eloisa N. Silva Pilati

Esta obra, de cunho institucional, tem duplo objetivo: de um lado, registrar a presença do linguista, professor e pesquisador Noam Avram Chomsky, em evento realizado virtualmente no dia 20 de setembro de 2020, em que lhe foi outorgado o título Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Brasília (UnB); de outro lado, retomar as publicações da Coleção Lucia Lobato, por meio deste volume especial, tendo em vista os 15 anos do falecimento da professora Lucia, ocorrido em 2005.

Já no início da cerimônia, ao dar as boas vindas ao homenageado no contexto da abertura da Semana Universitária, a professora Eloisa Pilati (Instituto de Letras), rememorou a passagem de Noam Chomsky pela UnB em 1996, a convite de Lucia Lobato, ressaltando a importância e o valor simbólico daquele momento e desse título *Honoris Causa* para a Universidade.

As grandes contribuições do professor Chomsky, na Linguística e na Política, foram mencionadas, ainda na co-

mitiva de acolhida, pela representante do Centro Acadêmico de Letras (CALET) da UnB, Talita Moraes, que agradeceu ao professor pela atuação em prol da educação e da democracia, e pelo Presidente da Associação de Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), que ressaltou o relevante papel de Chomsky como ativista político na defesa dos trabalhadores e na luta contra as injustiças que ocorrem pelo mundo.

Este volume especial tem início com o prefácio do colega, professor e pesquisador David Pesetsky, do Departamento de Linguística do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o qual também foi membro da comitiva que recebeu virtualmente Noam Chomsky na cerimônia. Na sequência, apresentam-se os discursos protocolares da Reitora, professora Márcia Abrahão Moura, e da então Diretora do Instituto de Letras, professora Rozana Reigota Naves. O texto seguinte é o da professora Heloisa Salles (Instituto de Letras), o qual traz à luz as contribuições que fazem do homenageado "personalidade que se distingue pelo saber ou pela atuação em prol das artes, das ciências, da filosofia, das letras ou do melhor entendimento entre os povos", conforme define o Regimento Interno da UnB para a outorga do título Doutor *Honoris Causa*. A obra culmina com o pronunciamento do professor e pesquisador Noam Chomsky, já laureado com o título.

É imprescindível dizer que faz falta, neste volume, como fez falta no evento, a voz da nossa estimada mestra, professora Lucia Lobato. Entretanto, cada um(a) de nós—autores, participantes e audiência da cerimônia e leitores desta obra, a representamos. Esta edição, que se apresenta em versão bilíngue (português e inglês) é, sobretudo, uma homenagem

a ela, que nos abriu os caminhos da pesquisa linguística gerativista e estreitou os nossos laços científicos com o professor Chomsky.

Não podemos finalizar esta Apresentação, sem prestar os devidos agradecimentos: ao professor Enrique Huelva Unternbäumen, pelo incentivo à realização do evento e apoio a esta publicação; à Valeria Wasserman Chomsky, tradutora e esposa do homenageado, cuja mediação foi fundamental para a organização do evento; à equipe do Cerimonial da UnB e aos servidores do Decanato de Extensão da UnB envolvidos na organização da Semana Universitária e aos tradutores que atuaram na cerimônia, em particular à Quimera – Empresa Júnior dos cursos de Letras da UnB, responsável pela legendagem dos vídeos da comitiva e do discurso do homenageado.

Desejamos, com esta obra, reforçar a importância de preservação da memória institucional, quer seja pelo registro de eventos como esse, quer seja pela lembrança dos grandes nomes que se vinculam à instituição, entre os quais incluímos o professor Noam Chomsky, que se tornou membro da comunidade da Universidade de Brasília por meio da outorga do título Dr. Honoris Causa, e a professora Lucia Lobato, reconhecida nacional e internacionalmente por sua pesquisa.

Prefácio

David Pesetsky
Professor Ferrari P. Ward de Línguas
Modernas e Linguística
Departamento de Linguística e Filosofia
Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT)

Que honra ter sido convidado a apresentar e saudar meu professor e colega de tantas décadas, Noam Chomsky. A ocasião foi o recebimento do título honorário de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Brasília, sede de um dos melhores centros de pesquisa em Linguística do mundo, e um dos meus departamentos favoritos—que visitei tantas vezes em workshops e conferências.

Estou impressionado com o compromisso sólido e permanente da UnB com o progresso científico, apesar de todas as dificuldades que nos cercam neste momento, no Brasil e no mundo. Em meio a tudo isso, de maneira notável, nossos colegas de Brasília se dispuseram a homenagear Noam Chomsky, fundador do campo da Linguística Moderna, cientista que definiu a agenda de pesquisa para todos nós e fez as contribuições fundamentais pelas quais nos pautamos.

Foi maravilhoso poder participar, mesmo à distância, da cerimônia virtual de homenagem às contribuições de

Noam—e agora a UnB registra esse momento histórico para a ciência brasileira com este livro, uma compilação dos discursos proferidos durante esse evento tão especial. Sinto-me honrado mais uma vez por ter sido convidado a adaptar minha fala a este prefácio.

Tenho esperança e certeza de que, em um futuro muito próximo, seja possível nos reunirmos para continuar a celebração, dessa vez pessoalmente.

Coragem, ousadia e apreço pelo conhecimento

Márcia Abrahão Moura
Reitora
Universidade de Brasília

É com imensa satisfação que recebemos neste 20 de setembro de 2020 um dos maiores intelectuais de nosso tempo, o professor Noam Chomsky. Para a Universidade de Brasília, é uma honra ter o professor Noam Chomsky no rol de homenageados com o título de Doutor *Honoris Causa*. A entrega dessa honraria coincide com a abertura da Semana Universitária, que é o maior evento de nosso calendário acadêmico. Na edição deste ano, estão previstas mais de 1.000 atividades, a maioria delas *online*, demonstrando que a UnB está firme e atuante, a despeito dos inúmeros desafios impostos pela pandemia do coronavírus.

Nossa instituição foi idealizada pelo antropólogo Darcy Ribeiro e pelo educador Anísio Teixeira, duas figuras que imprimiram um caráter de vanguarda à educação superior no Brasil. A UnB foi inaugurada em 1962 com um projeto pedagógico inovador e um conceito que hoje é fundamental para as instituições públicas de ensino: a autonomia universitária.

Menciono isso porque Chomsky traduz valores fundamentais presentes na criação da nossa Universidade: a coragem, a ousadia e o apreço pelo conhecimento. Eu poderia passar horas falando sobre as inúmeras contribuições desse filósofo e cientista tão importante para a Linguística. O tempo, porém, não nos permite. Mas gostaria de falar de algumas coisas que, a meu ver, merecem ser destacadas, em especial por conta do momento em que vivemos.

Na década de 1960, Chomsky desenvolveu uma teoria para explicar o surgimento da linguagem humana, um dos maiores mistérios da humanidade. Eu, uma geóloga, não vou me arriscar a falar de tal teoria, mas me atenho ao fato de que suas proposições deram origem a uma nova forma de encarar a Linguística, proporcionaram uma quebra de paradigma para essa área do conhecimento.

A contribuição de Chomsky, como linguista e teórico cognitivista, influenciou pesquisadores em todo o mundo. Na UnB, suas ideias foram fundamentais para o desenvolvimento de linhas de pesquisa, em especial no Instituto de Letras. Mas, certamente, suas teorias estão presentes em estudos na Psicologia e na Biologia, em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento da linguagem e à evolução dos seres humanos.

A proposição de ideias inovadoras, olhares diferentes para problemas antigos e atuais, é uma das missões da investigação científica e, por conseguinte, do conhecimento humano. Chomsky incorpora essa visão, mas vai além, muito além. Nosso convidado, agora Doutor *Honoris Causa* da UnB, não se limitou ao estudo de sua área de atuação. Chomsky compreendeu e, desde o começo de sua carreira, difundiu a

noção de que os intelectuais precisam sair de suas bolhas para espalhar o conhecimento e a verdade. Em suma, tão importante quanto fazer ciência, em qualquer área, é falar sobre a ciência, como um mecanismo que joga luz sobre as trevas.

O papel histórico de Chomsky no cenário político mundial, com análises da conjuntura interna e externa aos Estados Unidos e com a antecipação dos grandes problemas internacionais, também vem influenciando pesquisadores no mundo todo, sobretudo nas áreas de ciências humanas e sociais. Assim, Chomsky se tornou um importante ativista, analista de nossos tempos e dos efeitos corrosivos de uma política global que vem sistematicamente passando por cima das pessoas em detrimento do lucro.

Essa contribuição se torna ainda mais relevante no momento em que vivemos, com as incertezas provocadas pela pandemia. Mais do que isso: a situação atual nos leva a questionamentos já provocados por Chomsky, afinal, essa doença, ainda tão misteriosa, surgiu também por conta do nosso modo atual de vida. Nossa cultura, tão ocupada em maximizar coisas, precisa agora se voltar às urgências da crise climática, à necessidade de termos um futuro mais sustentável e de sermos solidários com o planeta e com os demais seres humanos.

Para nós, é um orgulho dizer que temos, entre nossos doutores *honoris causa*, um dos maiores intelectuais da contemporaneidade.

Uma vida dedicada à Linguística e à Política

Rozana Reigota Naves
Diretora do Instituto de Letras
Universidade de Brasília

Com respeito e admiração, recebemos o professor Noam Chomsky, nosso homenageado e nossa referência nos estudos linguísticos, uma vez que eu mesma integro o grupo de pesquisa em Linguística Gerativa da Universidade de Brasília.

A proposta da outorga deste título surgiu no Instituto de Letras da UnB como forma de celebrar o marco de 100 trabalhos defendidos sob o arcabouço teórico da Gramática Gerativa, alcançado pelo nosso Programa de Pós-graduação em Linguística.

Essa produção é resultado do trabalho iniciado pela pesquisadora Lucia Lobato, professora falecida em 2005, a quem coube abrir espaço para a pesquisa gerativista na UnB, no final da década de 1970, e que foi responsável pela visita do professor Chomsky a esta Universidade, 24 anos atrás, promovendo, assim, a UnB no cenário nacional e internacional da pesquisa nessa área.

Hoje somos sete docentes da UnB nesse grupo, atuando fortemente no avanço científico das pesquisas gerativistas, e compomos uma grande rede mundial de pesquisadores que se dedicam, de forma colaborativa, à compreensão dos fenômenos linguísticos na perspectiva do conhecimento gramatical internalizado.

Para além do campo da Linguística, entretanto, fato é que o pesquisador Noam Chomsky é também nossa referência no campo da política — e digo "nossa referência", aqui, em sentido bem mais amplo que o do Programa de Pós-graduação em Linguística.

Suas análises sobre a geopolítica mundial, sua crítica à política externa americana e aos governos autoritários, assim como seu ideal socialista libertário, nos encorajam a nos mobilizarmos na defesa dos explorados por um sistema econômico que oprime e mata e a defendermos de forma contundente a democracia e a ciência como plataformas indispensáveis para a superação das crises ambientais, econômicas, políticas e sociais, que a atual pandemia veio agravar.

Em um trecho de *Writers and Intellectual Responsability*, Chomsky considera que qualquer bom professor, escritor ou intelectual não deve falar *para*, mas falar *com* "uma audiência que interessa, a qual não deve ser vista como uma audiência, mas como uma comunidade de interesse comum em que se espera participar de forma construtiva".

A Universidade de Brasília é, hoje, essa *audiência*. Uma *comunidade* constituída predominantemente por cerca de 45 mil jovens estudantes de graduação e de pós-graduação, docentes e técnicos, nos quais depositamos a nossa espe-

rança de um país e de um mundo de paz e justiça social, em que todos os seres humanos possam se desenvolver em toda a sua plenitude e livres de preconceitos de todos os tipos.

Ao mesmo tempo em que lhe oferecemos o título de Doutor *Honoris Causa*, por toda a sua trajetória de vida engajada científica e politicamente, nós nos sentimos agradecidos e honrados de tê-lo aqui conosco e de *falar com* o professor Noam Chomsky. Estou segura de que a sua mensagem intensificará em nós o *interesse comum* pelas grandes causas da humanidade, pois um título dessa natureza não se atribui ao homem, tão-somente, mas, sobretudo, às causas que ele representa.

Chomsky: um membro da comunidade da Universidade de Brasília

Heloisa Maria M. Lima Salles
Professora Associada do Departamento de Linguística
Instituto de Letras da Universidade de Brasília

Antes de me dedicar à tarefa de honrar a prestigiosa trajetória de Noam Chomsky, gostaria de dizer algumas palavras sobre esta Casa, que confere o título de Doutor *Honoris Causa* ao nosso convidado.

A história da Universidade de Brasília se confunde com a de nossa cidade, Brasília, capital do Brasil. Como Brasília, esta Universidade foi fundada sob o signo da esperança, da coragem e da utopia pelas mãos de seu fundador, o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Cada um desses signos abarca, por sua vez, vários atributos que constituem o povo brasileiro, criado no amálgama de povos, na busca por um lugar ao sol, no desejo de paz.

A intenção era que Brasília projetasse uma nova concepção de sociedade, traduzindo assim o sonho de Dom João Bosco, que visualizou o surgimento de uma civilização entre os paralelos 15 e 20, na América do Sul, em que jorraria o leite e o mel.

Essencialmente, um sonho que expressa a busca original da humanidade: o prazer da nutrição, ao qual todos deveriam ter direito, pelo qual a paz de espírito é alcançada, sobre o qual a criação e o conhecimento se erguem, fazendo surgir os produtos revolucionários da inovação, em benefício das gerações.

Esses signos foram abraçados por homens e mulheres corajosos, que se engajaram na criação de Brasília, no coração do continente, nas solidões remotas deste planalto, dando forma a um projeto original e revolucionário.

No âmbito deste projeto ambicioso, a criação da Universidade de Brasília foi liderada por dois notáveis educadores, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, com o entendimento de que a Universidade é uma necessidade, sendo sua missão promover o conhecimento, a cultura e as artes, no diálogo com a educação básica e pública e com os anseios da sociedade. O diálogo com a educação básica tomava como referência projetos educacionais desenvolvidos em uma escola modelo, vinculada à Universidade, na qual se destacou o trabalho dedicado da educadora Teresinha Rosa Cruz.

É a este momento que gostaríamos de vincular nosso convite ao professor Noam Chomsky, para vir à nossa Casa, passando a integrá-la como um membro desta comunidade, por meio deste título de Doutor *Honoris Causa* que lhe conferimos.

Como se sabe, os anos que se sucederam, foram sufocados pela ditadura militar que se abateu sobre nós... e, neste ponto, gostaria de homenagear todos os bravos professores e estudantes que resistiram à violência e, em alguns casos, morreram em defesa desta causa: cito o nome de três de

nossos estudantes desaparecidos, citados no Relatório da Comissão da Verdade da Universidade de Brasília, Paulo de Tarso Celestino da Silva, Honestino Monteiro Guimarães, Ieda Santos Delgado.

Como disse, gostaríamos de saudar a personalidade pública do Professor Noam Chomsky, sua inteligência brilhante, sua significante contribuição à ciência, seu engajamento político em defesa da autodeterminação dos povos, vinculando-o àquela parte de nossa história em que nós, brasileiros, estávamos engajados na busca de um sonho, um sonho que nunca foi sufocado... muitos anos depois, ele permanece vivo em nossa comunidade universitária, na atuação competente de docentes e servidores, no espírito entusiasmado e nas mentes inquietas de nossos estudantes!

Tê-lo em nossa companhia é, para nós, uma honra imensurável, e um grande apoio em nossa busca permanente por dias melhores para o povo brasileiro, especialmente neste momento em que enfrentamos as dificuldades da pandemia, com tantas perdas e tanto sofrimento.

É então chegado o momento de qualificar a presença de nosso laureado entre nós. Entre tantas contribuições de Noam Chomsky como um intelectual de nossos dias, vamos nos concentrar na do linguista.

Noam Chomsky fundou um campo na Linguística, então considerada uma nova ciência moderna. Sua mente crítica e original foi responsável por reabrir, na Linguística, o antigo debate referido como natureza e nutrição, *nature and nurture*. A publicação por Noam Chomsky, em 1959, de uma resenha ao artigo *Verbal Behavior*, do psicólogo Frederick Skinner, foi

um marco na fundação da nova área chamada Linguística Gerativa, também referida como Biolinguística.

Observando que uma teoria das variáveis contextuais como causa determinante do comportamento verbal não estava disponível no projeto Skinneriano e que a gramática é um componente fundamental da língua em uso, o jovem cientista Noam Chomsky, desafiando o *mainstream* da linguística estruturalista, que nos Estados Unidos era fortemente apoiada no behaviorismo, propôs uma agenda de pesquisa baseada no pressuposto de que a habilidade de gerar as sentenças da língua era determinada por um componente inato da mente—a Faculdade de Linguagem.

Dessa forma, uma tarefa era determinar a propriedade evolutiva que deu origem à língua, esse atributo fascinante dos seres humanos. Tal propriedade, por hipótese, um evento decisivo na evolução da espécie.

A outra tarefa era explicar a aquisição da linguagem diante da complexidade e riqueza do sistema linguístico e do caráter limitado da experiência na aquisição, o chamado argumento da pobreza do estímulo—um argumento que foi recentemente qualificado com evidências conclusivas por meio do trabalho de Charles Yang. A hipótese então era que o estado mental final—o conhecimento de uma língua particular—seria desencadeado pelas propriedades inatas da Faculdade de Linguagem, também referido como dispositivo de aquisição de língua.

A agenda proposta por Noam Chomsky reuniu colaboradores vinculados ao Massachusetts Institute of Technology, nos Estados Unidos, e em muitos outros centros de pesquisa

no mundo—incluindo-se o Brasil e, em particular, na Universidade de Brasília, sob a liderança da proeminente linguista Lucia Lobato.

O impacto desse trabalho e a esperada controvérsia provocou importantes debates, como aquele entre Noam Chomsky e Jean Piaget, em 1975[1]. Era a chamada Segunda Revolução Cognitiva, que fundou a "nova ciência da mente", como apropriadamente definiu Howard Gardner, no seu influente livro[2].

Em 1996, Noam Chomsky gentilmente aceitou o convite de Lucia Lobato para vir à nossa Universidade e apresentar duas palestras de grande importância, que foram depois publicadas pela Editora da Universidade de Brasília, na obra Linguagem e Mente.

De fato, existe uma tradição que sustenta essa agenda, que foi inaugurada com as indagações filosóficas de Platão sobre a origem e natureza do conhecimento, que o levam a concluir que o conhecimento vai além do que é oferecido pela experiência, e muito depois com as questões colocadas por Galileu, e seus contemporâneos, sobre a importância de investigar os fatos simples, a língua, entre eles. E agora devo citar as próprias palavras de Noam Chomsky (na obra *On Nature and Language*), em que se refere a Galileu como "o mestre que nunca nos desaponta": "Galileu deve

1 O debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky foi publicado na obra *Théories du Language, Théories de l'Apprentissage,* pela Editions Seuil, e editado em português sob o título "Teorias da Linguagem. Teorias da Aprendizagem", com tradução Jorge Machado Dias, e editado por Edições 70, Lisboa, 1978.

2 *The Mind's New Science. A history of the Cognitive Revolution.* Basic Books Publishers, New York, 1985.

ter sido o primeiro a reconhecer claramente o significado da propriedade central da língua humana, e uma das suas propriedades mais marcantes: o uso de meios finitos para expressar um conjunto ilimitado de pensamentos" (extraído de *On Nature and Language*, 2002, p. 45).[3]

A partir da perspectiva de Galileu, a vertente racionalista de investigação é inaugurada, em que a língua é identificada como fonte e formadora do pensamento. Nessa vertente, Descartes (citado, na mesma obra, por Chomsky) observa que os produtos das atividades introspectivas do pensamento são adequados às ocasiões, mas não causados por elas. Essa conclusão se alinha com a ideia de liberdade, ou o livre-arbítrio, ainda nos termos de Descartes, "o mais nobre bem do ser humano", confirmando a independência do contexto, e consequentemente em relação à comunicação.

Este ponto, foi brilhantemente explicado pela Professora Lucia Lobato, em uma conferência no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Brasília, em 2004, a convite do Professor Emérito Waldenor Barbosa Cruz, com a participação da igualmente proeminente professora Eunice Soriano, do Instituto de Psicologia.

Nas palavras de Lobato:

> A independência em relação a estímulos e a consequente liberdade de autoexpressão vêm do fato de que as mensagens nas línguas não constituem um tipo de conduta em reação direta a uma dada

3 CHOMSKY, Noam. On nature and language. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

> situação ou estado interno, havendo um sistema computacional intermediário entre essa situação e a mensagem produzida. A paridade de pensamentos leva a concluir que o sistema computacional de interpretação de mensagens é basicamente o mesmo da produção, só que com diferente orientação. A liberdade de escolha da função social, mas não da função cognitiva, indica a precedência da função cognitiva em relação às funções sociais. Por sua vez, o fato de haver escolha de função social mostra que as línguas têm, inerentemente, uma função social que extrapola os limites das necessidades de simples sobrevivência (LOBATO, 2004, p. 37).[4]

Conforme proposto na abordagem chomskiana, e agora alcançamos a contribuição de nosso ilustre laureado em sua formulação mais recente, a faculdade de linguagem, e a língua interna que se desenvolve a partir da exposição do indivíduo aos dados linguísticos primários na aquisição, é um procedimento recursivo que gera expressões como coleções de informações para os sistemas mente/cérebro, a saber os sistemas sensório-motor e conceitual-intencional—este último, "os sistemas de pensamento"—resgatando-se a perspectiva dual da relação entre fonética e semântica (Chomsky, 2002, p. 87). Nesse contexto, abre-se o caminho para o

4 Publicado em PILATI, Eloisa N. Silva. et al. (Orgs.). Linguística e Ensino de línguas. Coleção Lucia Lobato. v. 2. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2015.

desenvolvimento do chamado Programa Minimalista, guiado pela pergunta que ficou conhecida como a Tese Minimalista Forte: "Seria o caso de afirmar que a FL é uma solução ótima para as condições impostas pelos sistemas mente/cérebro, em que estão embutidos os sistemas sensório-motor e de pensamento?" (*op. cit.*, p. 90).

Ao abordar essa questão recentemente em uma *live* promovida pela Associação Brasileira de Linguística, e já publicado no número 1 em seu *Cadernos de Linguística*, Noam Chomsky mencionou que a arquitetura da Faculdade de Linguagem inclui uma sintaxe estrita (*narrow syntax*), uma propriedade estável geradora de estruturas para os sistemas de pensamento, e um procedimento de externalização, que pode, mas não precisa, mapeá-las para os sistemas sensório-motores. Sendo um mapeamento instável e complexo, a externalização é então considerada "o locus primário da aparente complexidade, diversidade e mutabilidade linguística".

Essas ideias (novas) são revolucionárias em vários sentidos e nos remetem à relação original entre língua e pensamento. Conforme observa Noam Chomsky, nessa abordagem, a comunicação é ainda mais distante das propriedades essenciais da natureza da linguagem, e ainda dos processos evolutivos que desencadearam a comunicação—em particular, a ideia de que tais processos evoluíram dos sistemas de comunicação animal.

Por sua vez, a sintaxe estrita se reduz à operação *Merge*, ou Fusão, uma operação binária e estruturada, que guia as operações sintáticas, permitindo um paralelo com o funcio-

namento de outros fenômenos cognitivos e o diálogo com outras áreas, como a biologia evolutiva, a antropologia, a psicologia e a neurociência, como propõe o artigo intitulado A Faculdade de Linguagem. O que é? Quem a possui? Como evoluiu?, publicado em 2002, na revista *Science*, por Marc Hauser, Noam Chomsky e Tecumseh Fitch.

Nessa abordagem, são identificados dois tipos de operação Fusão/Merge: a fusão externa, que combina elementos distintos em um espaço de trabalho (criando assim, relações de núcleo-complemento, estruturas temáticas), e a fusão interna, que estende estruturas mediante movimento/deslocamento, sem afetar, portanto, a interpretação de seus produtos, o que implica nenhum impacto na interface conceitual-intencional (C-I). Como uma propriedade básica, o deslocamento é esperado e ubíquo, expressando a função sucessiva, como na aritmética. A fusão externa, por sua vez, é o que precisa ser explicado, a língua interna propriamente.

Evidência adicional vem da dependência estrutural, amplamente reconhecida nas línguas do mundo e ainda confirmada por experimentos com crianças. Como observa Noam Chomsky, a criança é exposta à cadeia linear, mas responde ao que ela não ouve (ou percebe visualmente, no caso das crianças surdas): à estrutura.

Muito mais poderia ser dito para reconhecer e reverenciar o influente trabalho de Noam Chomsky para a Linguística e para outros campos do conhecimento. Não é apenas sua brilhante e definitiva contribuição ao avanço da ciência que devemos exaltar, mas também o exemplo de dedicação, generosidade e honestidade intelectual ao exercer a lideran-

ça desse programa de pesquisa, e certamente do número expressivo de linguistas engajados em entender a natureza, a origem e os usos da língua—uma tarefa monumental que, certamente, nos termos de nosso homenageado, "vai nos dizer muito sobre o tipo de criaturas que somos", possivelmente ajudando-nos a encontrar um caminho para superar as trágicas consequências da injustiça social em nossas sociedades, alimentando nosso espírito com esperança e fé na humanidade.

Pronunciamento do Professor Noam Chomsky, Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília

Noam Chomsky
Professor Emérito do Instituto de
Tecnologia de Massachusetts
Professor laureado do Departamento
de Linguística da Universidade do Arizona

Eu nem preciso dizer que é um grande prazer receber esta grande honra, principalmente do ilustre departamento de Linguística desta excelente universidade.

Eu tive a oportunidade de visitar o departamento há quase 25 anos, a convite da minha amiga e colega, a saudosa Lucia Lobato, e de ministrar algumas palestras que foram como um divisor de águas para mim. As palestras revisitaram trabalhos recentes e atuais, mas, depois, passaram a oferecer algumas especulações sobre o que poderia estar no horizonte do estudo da linguagem e da mente.

As especulações pareciam extremas na época, senão estranhas, como muitos debatedores internacionais acha-

ram, mas prosseguir com elas acabou sendo muito frutífero, não apenas para mim, mas para muitos linguistas que se juntaram a esses esforços, incluindo um número crescente de linguistas brasileiros, que fizeram contribuições muito valiosas para a pesquisa em andamento. O departamento da Professora Lobato teve um grande papel no impressionante desenvolvimento da linguística brasileira nos últimos anos, tornando-se um integrante significativo de uma disciplina florescente em todo o mundo. O Brasil está particularmente bem colocado para liderar esses estudos, com suas instituições culturais estabelecidas e seus incomparáveis recursos de comunidades indígenas, cada uma com sua rica contribuição para a variedade linguística e riqueza cultural—agora, infelizmente, seriamente ameaçadas, correndo até mesmo risco de sobrevivência.

É tentador discutir alguns dos resultados surpreendentes que foram estabelecidos nos últimos anos e, mais uma vez, especular sobre o que pode estar por vir. O que pode vir pela frente, isto é, se as condições para a investigação produtiva forem mantidas.

Lamentavelmente, estamos em um momento da história em que essas perspectivas não estão asseguradas em grande parte do mundo. Entre os ameaçados estão o Colosso do Norte, como os Estados Unidos há muito tempo são chamados, e também o Colosso do Sul, termo usado há um século para se referir ao Brasil em função de seus enormes recursos humanos e de suas perspectivas de desenvolvimento cultural e material.

Existem, no entanto, sérios impedimentos para avançar para um mundo mais civilizado e, com ele, um próspero am-

biente educacional e de pesquisa, os dois, claro, intimamente ligados. A escala dos transtornos contemporâneos é refletida em um importante relatório recém-lançado pelo prestigioso Social Progress Imperative, sua revisão de 2020 sobre justiça social e bem-estar durante a última década em 163 países.[5]

O relatório constata que houve um progresso lento e desigual em todos os lugares, com três exceções alarmantes onde houve um declínio: Estados Unidos, Brasil e Hungria. O último, agora sofrendo sob o governo autocrático de Viktor Orban.

Os estudos foram realizados antes do início da pandemia. O impacto da pandemia fornece sua própria evidência sobre os pontos fora da curva na sociedade internacional. No *ranking* de número de casos e mortes da Covid-19, os três primeiros são Estados Unidos, Brasil e Índia, muito acima de todos os outros. Para os Estados Unidos e o Brasil, muito além de sua proporção na população global. Os EUA têm 4% da população mundial, e mais de 25% dos casos. Para o Brasil, os números são semelhantes.

O Índice de Progresso Social pré-pandêmico mostra que os Estados Unidos caíram de 19º no mundo, uma década atrás, para o 28º hoje, apesar de sua enorme riqueza e poder e vantagens únicas. O Brasil caiu para 61º. Os EUA estão agora classificados abaixo de países muito mais pobres, como Estônia e Grécia. Medidas mais específicas são altamente informativas. Os EUA estão bem na liderança internacional

5 2020 Social Progress Index: https://www.socialprogress.org. 'We're No. 28! And dropping!': https://www.nytimes.com/2020/09/09/opinion/united-states--social-progress.html.

em tecnologia médica, mas estão em 97º lugar no acesso a cuidados de saúde de qualidade, com estatísticas de saúde semelhantes às da Albânia, Jordânia e Chile. Os números da educação são particularmente relevantes para nossas preocupações imediatas aqui. Os EUA estão em primeiro lugar em qualidade de universidades, mas em 91º no acesso à educação básica de qualidade. Para as crianças, o acesso é igual ao da Mongólia e do Uzbequistão.

Esses números refletem um grave mal-estar social. Os fatores são muitos, mas um que se destaca, é o impacto de 40 anos de políticas neoliberais desde que Ronald Reagan e Margaret Thatcher proclamaram as novas doutrinas. "O problema é o governo", declarou Reagan em seu discurso inaugural há 40 anos: as decisões devem ser deslocadas dos governos, que estão parcialmente sob influência pública, para o poder privado, que não deve nenhuma explicação ao público. Além disso, segundo as doutrinas que estão sendo impostas, é uma questão de princípio fundamental que o poder privado não deve se preocupar com o interesse público. Deve estar comprometido exclusivamente com o autoenriquecimento, então o principal economista do movimento, Milton Friedman, instruiu o mundo quando a campanha começou. Thatcher acrescentou que "não há sociedade", apenas indivíduos, lançados no mercado para sobreviver da melhor maneira possível em um mundo cruel de poder cada vez mais concentrado.

Inconscientemente, sem dúvida, Thatcher estava parafraseando Karl Marx, que condenou os governantes autocráticos de sua época por transformar a sociedade no que ele chamou

de “um saco de batatas”, indivíduos isolados, indefesos contra o poder concentrado.

As consequências não são nenhuma surpresa: amargura, raiva, ressentimento e desprezo pelas instituições em grande parte do mundo. Essas reações compreensíveis são um território fértil para demagogos que podem fingir serem salvadores, enquanto apunhalam você pelas costas, culpando bodes expiatórios por sua situação: negros, imigrantes, China, qualquer coisa que evoque preconceitos antigos e, enquanto isso, protegem cuidadosamente as poderosas forças que são realmente responsáveis e a quem o demagogo serve lealmente. Não é difícil encontrar exemplos. Vale a pena relembrar brevemente a história econômica do Ocidente desde a Segunda Guerra Mundial. Houve dois períodos claramente distintos, com a ruptura há cerca de 40 anos. O primeiro é o período do chamado “capitalismo regimentado”, do final da guerra até os anos 1970. A segunda é a era neoliberal, que decolou sob Reagan e Thatcher, com outros seguindo.

O período do capitalismo regulamentado é chamado pelos economistas de “a idade de ouro” do capitalismo. O crescimento foi excepcionalmente alto, e foi um crescimento igualitário. Os salários controlavam a produtividade. As instituições financeiras eram limitadas e rigidamente controladas. Não houve grandes crises financeiras.

A reação neoliberal reverteu tudo isso. O crescimento econômico continuou, porém mais lentamente. A riqueza que foi produzida fluiu para pouquíssimos bolsos. Os salários foram dissociados da produtividade e achatados. O estudo atual mais confiável, da Rand Corporation, estima que a perda

de renda para os 90% menos favorecidos da população é de 47 trilhões de dólares. Isso é um trilhão de dólares por ano roubado dos trabalhadores e da classe média. Isso além das dezenas de trilhões roubados do público ao colocarem capital em paraísos fiscais, depois que Reagan autorizou essas práticas em nome da "liberdade". Anteriormente, elas haviam sido proibidas, e as leis eram aplicadas. As instituições financeiras explodiram em escala, tornando-se a parte dominante da economia, causando crises regulares graças às práticas predatórias autorizadas pela desregulamentação, seguidas de resgates financeiros aos perpetradores, que são na verdade apenas uma parte do enorme subsídio estatal que eles recebem.

Nos Estados Unidos, que lideraram a investida neoliberal, hoje, 0,1% da população, não 1%, e sim 0,1%, detém 20% da riqueza. Isso é o dobro do que tinham quando Reagan foi eleito. A maioria da população sobrevive de contracheque em contracheque, quase sem reservas. Assim, os chamados "mercados livres" levaram à monopolização, com redução da competição e inovação à medida que o forte engoliu o fraco.

Reagan e Thatcher agiram imediatamente para destruir os sindicatos, reconhecendo que eles são o principal meio de defesa dos trabalhadores contra o capital concentrado. Ao fazer isso, eles estavam adotando os princípios fundamentais do neoliberalismo desde seus primeiros dias na Viena entre guerras, onde o fundador e santo padroeiro do movimento, Ludwig von Mises, ficou radiante quando o governo protofascista destruiu violentamente a vibrante social-democracia da Áustria e os sindicatos que estavam interferindo com o que

é chamado de “economia de som” ao defender os direitos dos trabalhadores. Cito Von Mises, que explicou em seu clássico neoliberal de 1977 chamado “Neoliberalismo”, cinco anos após Mussolini iniciar seu regime brutal: “Não se pode negar que o fascismo e movimentos similares que buscam estabelecer ditaduras estão cheios de boas intenções e que sua intervenção tem, por hora, salvado a civilização europeia. O mérito que o fascismo conquistou para si viverá eternamente na história.” Apesar de que será apenas temporariamente, como ele nos garante: “Os camisas-negras irão para casa após terminar seu bom trabalho.”

Os mesmos princípios inspiraram um apoio neoliberal entusiasmado para a hedionda ditadura de Pinochet. Alguns anos depois, foram colocados em operação num formato diferente na área global, sob a liderança dos Estados Unidos e do Reino Unido. E eles não são estranhos também a outros lugares.

Vale a pena lembrar as lições da história do século passado. Uma das lições mais notáveis e constantes é que o neoliberalismo, com sua prece por liberdade, é perfeitamente compatível com duras repressões e violência de um Estado poderoso. Devemos ter isso em mente enquanto caminhamos rumo a uma era pós-pandêmica, algo que retomarei em alguns instantes.

Sistemas educacionais não foram poupados da reação neoliberal, como ilustrado pelos dados que citei anteriormente para os Estados Unidos. Retomando, os EUA estão em primeiro lugar em qualidade das universidades, mas estão em 91º em acesso geral à educação básica de qualidade. Para crianças,

o nível de acesso se iguala ao da Mongólia e Uzbequistão. Esses números são duplicados para a área da saúde e outros domínios do bem comum e realçam a essência da alma neoliberal com uma clareza ofuscante.

As universidades de elite dos EUA conseguiram resistir ao ataque neoliberal e continuam sendo as melhores no mundo. O resto do sistema sofreu. A educação pública para as massas do século XIX foi uma das maiores contribuições dos EUA para as civilizações modernas. Agora, não mais. Dentro dos princípios neoliberais, a educação pública está sob ataque direto. Já que "O problema é o governo" e que "Não há sociedade", de acordo com a doutrina neoliberal, o financiamento governamental para escolas diminuiu drasticamente, do jardim de infância ao grande sistema de universidades estaduais que foi criado no século XIX, que até então era único no mundo em qualidade e escala. A Secretária da Educação do governo Trump, a multimilionária Betsy DeVos, é bem abertamente empenhada em substituir a educação pública por escolas privadas e religiosas.

A educação pública deve ser não apenas reduzida, ou até eliminada, deve ser também reprimida. As ideias progressistas e bem-sucedidas de grandes educadores, do grande teórico do século XVIII, Wilhelm von Humboldt, figura proeminente no liberalismo clássico, humanista que fundou a universidade de pesquisa moderna, devem ser abandonadas, junto das contribuições dos herdeiros das tradições humanistas e liberais clássicas, personalidades modernas excepcionais como John Dewey e Paulo Freire. É importante reprimir as ideias que inspiraram a criação desta grande universidade, a

visão de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, nomes proeminentes da cultura moderna. Devemos abandonar os objetivos de enriquecimento intelectual e cultural, cooperatividade, diversidade e inclusão, e o estímulo ao pensamento criativo e independente. Esses ideais e condutas humanistas têm sido substituídos por um modelo empresarial que impõe disciplina, conformidade e interesse próprio.

Esse novo modelo foi, na verdade, considerado por pensadores iluministas e liberais clássicos. Eles o desprezavam, comparando-o a colocar água num vaso, um vaso repleto de vazamentos, como temos percebido.

Dentro do novo modelo de negócios neoliberal, o corpo docente é substituído por trabalhadores temporários, professores adjuntos mal pagos e alunos de pós-graduação, vulneráveis e indefesos.

Governos neoliberais favorecem a formação de uma mão de obra maleável e obediente. Eles preferem deixar de lado as partes do sistema educacional que só contribuem para a riqueza cultural e que honram o ditado do oráculo Délfico de 2.500 anos atrás: "conhece-te a ti mesmo". Não deveríamos perder tempo tentando explorar e desvendar os mistérios da natureza humana, as propriedades complexas que distinguem os humanos tão bruscamente do mundo natural, nem sempre beneficamente, como observamos com horror agora, mas com garantias de criatividade, compaixão e talento, que podem ser cultivados e agregados para superar a crise existencial dos dias de hoje.

O oráculo convida a "conhecer-te a ti mesmo", o que requer que tentemos entender o mundo social em que vive-

mos e no qual devemos participar ativamente como cidadãos instruídos e bem informados. Tudo isso será deixado de lado no modelo neoliberal, em que a indústria prega enriquecimento pessoal para os poderosos e desafios para a mera sobrevivência para a maioria, com consequências imediatas no sistema educacional.

Por que, afinal, os jovens deveriam desperdiçar seu tempo aprendendo sobre a história de suas sociedades e do mundo, ou vindo a reconhecer e contribuir com o rico legado das artes e humanidades, ou para explorar a riqueza cultural das diferentes sociedades? Isso não aumenta o lucro da elite, e pior, pode subverter a autoridade, como Sócrates fez, ao fazer perguntas demais e encorajar o pensamento independente na Atena antiga. Seus esforços subversivos foram encerrados pela cicuta. Hoje em dia, podemos apenas remover as partes desagradáveis do sistema educacional. Não precisamos assassinar Sócrates, basta excluir o departamento de Filosofia.

Na verdade, por que os jovens precisam ter uma compreensão profunda da matemática e das ciências e admirar suas conquistas impressionantes, quando eles podem apenas memorizar ferramentas que contribuem para o lucro no mercado?

Isso não é, infelizmente, nenhuma caricatura. Recentemente, o governo Tóri, na Inglaterra, solicitou que departamentos, como o de Estudos Clássicos, em Oxford, justificassem sua existência em relação a valor de mercado. O crítico social e educacional Stefan Collini comentou oportunamente que querem transformar escolas de primeira classe em empresas comerciais de terceira linha.

As ciências também não estão imunes. A mudança de pesquisas financiadas pelo governo por pesquisas financiadas por corporações durante os anos neoliberais trouxe mais supervisão e foco em objetivos de curto prazo, que podem ser lucrativos para quem os financia, mas devem ser mantidos longe do público geral. Na verdade, essas doutrinas estão alcançando um nível de uma enorme crise humanitária atualmente com a corrida das vacinas e a subordinação das políticas governamentais ao monopólio de direitos de custo concedidos às empresas farmacêuticas sob os acordos neoliberais de direitos do investidor, disfarçados sob o lema de "livre mercado".

A troca para financiamento corporativo durante a época neoliberal trouxe também o sigilo às melhores universidades de pesquisa pela primeira vez, por vezes com escândalos que alcançam a imprensa. Alguns anos atrás, o Wall Street Journal relatou um caso em que um estudante se recusou a responder uma pergunta em uma avaliação porque estava trabalhando com outro Professor sob um pacto de sigilo imposto por uma empresa. Isso aconteceu na minha própria universidade, o MIT, Instituto de Tecnologia de Massachusetts, uma das principais universidades de pesquisa do mundo. Nada do tipo jamais foi imaginável sob financiamento governamental, incluindo o grande financiamento de universidades de pesquisa como a minha pelo funil do Pentágono, que era um sistema comum de apoio estadual a questões públicas, desde pesquisa avançada, às artes e às humanidades e ao sistema de rodovias interestaduais. O financiamento corporativo é, por natureza, bem diferente, assim como o modelo corporativo geralmente o é.

Eu passei a maior parte de minha vida profissional, mais de 60 anos, no MIT, o que proporcionou uma boa visão para os processos que ocorreram enquanto a economia mudava de um capitalismo regido pelo estado da "Era do Ouro" para o formato neoliberal gerido pela indústria. Eu não pretendo exagerar. Como mencionei, as universidades de elite têm sido capazes de resistir aos ataques neoliberais à integridade e à missão das instituições culturais e científicas. Mas elas não são totalmente imunes e, como para todo o resto sociedade, tem sido difícil resistir aos impactos do neoliberalismo. Aqueles familiarizados com os principais periódicos científicos encontram bastantes provas disso, com editoriais que frequentemente protestam contra a interferência governamental em trabalhos científicos nos recentes anos neoliberais, ou por experiência própria.

O que tem acontecido nas instituições de ensino mostra de perto mudanças no viés socioeconômico. Durante a "Era de Ouro", o governo desempenhou um papel importante formando a política educacional e a economia, mas indiretamente. Um grande número de pessoas, que nunca teriam condições de ir à faculdade, ganharam bolsas de estudo integrais e auxílio financeiro através da Carta de Direitos, ótima para o benefício delas e do país, apesar de ter sido racista e sexista, restrita aos veteranos das segregacionistas forças armadas. O financiamento para faculdades e universidades foi bastante expandido. Quando eu cheguei, 70 anos atrás, de Cambridge para o MIT, o MIT era uma escola de Engenharia. Sob o impacto dos programas governamentais em grande expansão, tornou-se uma universidade baseada na ciência. Novos docentes e dis-

centes, mais orientados para ciência, queriam uma educação mais ampla. Novos departamentos apareceram nas áreas da Linguística, Filosofia, Psicologia, Antropologia, Música e Artes, Humanidades e Ciências Sociais de modo geral. Isso enriqueceu grandemente o ambiente cultural e intelectual, e, como resultado, também enriqueceu o trabalho científico e os alcances da Engenharia, com a criatividade e a exploração aumentadas. O Laboratório de Pesquisa Eletrônica, onde eu estive muito desses anos, passou de um centro de Engenharia para um dos maiores centros de desenvolvimento da economia atual de alta tecnologia: computadores, Internet, microeletrônicos, satélites e todo o resto da avançada economia moderna. Tudo isso foi majoritariamente desenvolvido em instituições públicas, com financiamento público e, anos depois, entregue à iniciativa privada para adaptação ao mercado e ao lucro. Esse é o sistema de subsídio público e lucro privado, que é atualmente chamado de "capitalismo".

A universidade dos anos 1970, baseada na ciência, foi diferente da escola de Engenharia, de 20 anos antes. E tem sido capaz de resistir grandemente ao contra-ataque neoliberal que procura converter universidades de primeira classe em instituições comerciais de terceira classe, pegando emprestada uma frase de Collini, sobre os programas do Tóri na Inglaterra. Setores menos privilegiados têm sido forçados a sucumbir, com os efeitos dos tipos que mencionei.

Isso não é história do passado, mas dá lições para todos nós hoje dentro do sistema educacional e da grande sociedade.

Nós estamos agora no meio de uma pandemia avassaladora. Ela era evitável. E pode ser contida, como tem sido

demonstrado em países onde os governos estão preocupados com seus cidadãos, como o Leste e Sudeste Asiático e Oceania, seguidos da maior parte da Europa também. Embora existam pontos fora da curva, notavelmente, os Estados Unidos e o Brasil, para sua vergonha. Nós iremos, mais cedo ou mais tarde, emergir da pandemia, com um custo terrível e majoritariamente desnecessário. Um novo mundo irá surgir. Seus contornos são pouco claros e firmemente contestados. Aqueles que criaram a ordem social, que é a origem oculta das crises atuais, e que têm se beneficiado grandemente delas, estão trabalhando implacavelmente para garantir que essas sejam perpetuadas, em uma forma severa, com grande controle e vigilância governamental. E devemos lembrar que, por um século, a doutrina e prática neoliberal tem entusiasticamente apoiado a repressão e violência do Estado em nome da "liberdade" de alguns. Esse é um possível resultado, começando a tomar forma diante de nossos olhos.

Outro possível resultado foi esclarecido no último fim de semana na Islândia, onde a Primeira Ministra foi anfitriã do Primeiro Encontro Internacional Progressista. Essa iniciativa global é baseada no movimento de grande sucesso liderado por Bernie Sanders nos Estados Unidos e em sua contraparte Europeia, o DiEM 25, iniciado por Yanis Varoufakis, em um esforço transnacional que busca manter e desenvolver o que há de valioso na União Europeia e superar suas graves falhas. A iniciativa inclui participantes do Sul global, e os brasileiros podem se lembrar de que há alguns anos o Brasil foi a voz principal do Sul global e talvez o país mais respeitado no cenário internacional. E poderia ser de novo.

As duas forças competitivas têm visões muito diferentes sobre o mundo que deve ser forjado na Nova Era. A que prevalecer terá enormes consequências, não menos importantes para as instituições culturais e educacionais do nosso lado do mundo. Os riscos, entretanto, são muito maiores. Não é exagero dizer que o resultado vai determinar o destino da vida humana na Terra.

Nós temos meios de superar as crises que a humanidade enfrenta. Os meios são praticáveis, eles são alcançáveis. Mas não é suficiente saber, é necessário agir. Esse é o desafio iminente, para todos nós.

Este livro foi composto em UnB Pro.